



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras  
Curso: Letras - Língua e Literatura Portuguesa

Daniel Félix de Alfaz Neto  
06/32112

# **O Ensino da Variação Linguística na Escola**

Brasília (DF)  
2017

Daniel Félix de Alfaz Neto  
06/32112

## **O Ensino da Variação Linguística na Escola**

Monografia apresentada à Banca  
Examinadora do Instituto de Letras  
como exigência final para obtenção do  
título de licenciado em Língua e Literatura Portuguesa.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dra. Ormezinda Maria Ribeiro

Brasília (DF)  
2017

*“A educação exige os maiores cuidados,  
porque influi sobre toda a vida.”*

Sêneca

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>01</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>02</b>
<b>I - A Importância das Variações Linguísticas .....</b>	<b>04</b>
<b>II - A Variação Linguística no Livro Didático.....</b>	<b>10</b>
<b>III - Análise do questionário sobre variação linguística.....</b>	<b>18</b>
<b>A - Questões Subjetivas .....</b>	<b>19</b>
<b>B - Questões Objetivas.....</b>	<b>26</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>33</b>

## RESUMO

Este trabalho aborda a questão do ensino da variação linguística no ambiente escolar. Na primeira parte, conta com a análise teórica da sociolinguística, que estabelece a importância desse tema na Educação Básica. Em seguida, é feita uma crítica do capítulo sobre variação linguística no livro didático adotado por uma escola pública de Brasília (DF). Por último, há comentários sobre as respostas dos alunos do Questionário aplicado em uma turma do 3º ano do Ensino Médio quanto ao assunto da variação linguística e do preconceito linguístico.

**Palavras chaves:** Variação linguística, ensino, preconceito linguístico.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a questão do ensino da variação linguística e seus resultados, haja vista que há um problema no ensino da Língua Portuguesa, uma vez que muitos alunos saem do Ensino Básico com a sensação de que não aprenderam corretamente o Português, pelo simples fato de não dominarem amplamente a gramática normativa, a variação culta da língua.

Por essa razão, este trabalho terá como foco principal fazer um diagnóstico do que provavelmente deve estar causando esse problema linguístico aos alunos, bem como o que se deve ser feito para que o ensino precário sobre variação linguística seja revisado e aprimorado da melhor forma possível para trazer resultados de conscientização dos alunos quanto à riqueza de uma língua por meio das suas variações linguísticas.

Assim, o primeiro capítulo abordará, dentro do aspecto teórico, o assunto da variação linguística, destacando sua importância e os diversos tipos de variações existentes. Além disso, comentários sobre a noção de “erro” em Português que está muito além de um simples desvio gramatical.

Já no segundo capítulo será discutido o tema da variação linguística no livro didático, neste caso será feita a análise do capítulo de um livro didático sobre variação linguística, adotado por uma escola pública de Brasília (DF). Dessa forma, será observado se o ensino deste tema no livro didático é ou não deficitário.

Por último, será feita a análise de um questionário sobre variação linguística, aplicado aos alunos da mesma escola onde é adotado o livro didático discutido no segundo capítulo deste trabalho. Assim, será mensurado o conhecimento dos alunos sobre variação linguística e se ocorrem problemas de preconceito linguístico no ambiente escolar.

Portanto, esta pesquisa levará em conta a importância da variação culta como norteadora do ensino da língua portuguesa, considerando a necessidade de uma vinculação com as variações existentes para que os alunos consigam

enxergar as variações não como um defeito linguístico, mas sim como uma noção de que a língua tem suas variações que precisam ser respeitadas e entendidas para que não ocorra nenhum tipo de preconceito linguístico.

## O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA

### I - A importância das variações linguísticas

A variação linguística trabalha com alguns aspectos extralinguísticos, como questões históricas, sociais, geográficas dentre outras. Esses fatores interferem na língua, ocasionando diversos tipos de variações que a enriquecem.

Considerando a amplitude geográfica do nosso território nacional, suas diversas culturas e construções históricas e sabendo que a língua integra todos esses processos, constata-se no Brasil uma ampla variação linguística. Acredita-se que tais variações sejam elas um recorte geográfico/regional, social, ou de ambos, que devam ser consideradas como a língua em sua plenitude, não sendo tratadas de forma melhor ou pior que outra.

Essa forma de classificar variações linguísticas de modos diferentes, privilegiando uma variação em detrimento de outra, ocasiona, segundo Bagno (2006), o fenômeno do preconceito linguístico. Este é “alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornais e revistas, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é ‘certo’ e o que é ‘errado’” (BAGNO, 2006, p. 13), de forma a não existir a possibilidade de aceitação das demais formas de variações linguísticas, a não ser aquelas propagadas pelas grandes mídias. Nesse prisma, disseminam a ideia de uma língua homogênea, pressupondo que todas as pessoas falantes do Português devem seguir apenas a variação linguística padrão em qualquer situação comunicacional.

Ainda consoante as críticas de Bagno (2006), essa imposição da variação padrão pelos grandes centros de poder social e político é o que faz estabelecer uma ideologia linguística no senso comum, na qual uma classe privilegiada detentora de conhecimento da norma culta da Língua Portuguesa subjuga as variações linguísticas destoantes da norma culta. Isso amplifica os julgamentos sociais diante de variações linguísticas fora desse enquadramento criterioso da

forma “correta” de se falar ou escrever em Português, desconsiderando as demais variações linguísticas.

Assim, cabe, neste momento, ressaltar quais são os tipos de variações existentes na Língua Portuguesa do Brasil e por que é importante conscientizar os alunos de que devem saber que elas existem e não são fenômenos linguísticos a serem descartados no ensino e aprendizagem do Português. Conforme os estudos de Ilari e Basso (2007, p 151-196), os tipos de variações são:

- a) **Variação diacrônica:** corresponde à evolução da língua ao longo do tempo. Isto é, como a língua se desenvolve com o passar do tempo e se torna uma língua sincrônica (de um determinado período). Assim, esta variação demonstra as diferenças entre o Português antigo e o moderno, compreendendo toda a evolução histórica externa e interna da língua até chegar no seu uso atual, contemporâneo.
  
- b) **Variação diatópica:** refere-se às diferenças da língua de acordo com o local, ou seja, dependendo da região em que a língua é usada, vai ocorrendo características linguísticas próprias daquela região. Dessa forma, podem ser percebidas as diferenças tanto no Português dos diversos países que pertencem à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, como no Português das diversas regiões de um país.
  
- c) **Variação diastrática:** está relacionada com as variações linguísticas existentes entre as classes sociais. Tendo em vista que a educação escolar não é igualitária e que a sociedade, especialmente a brasileira, padece de uma escolarização de qualidade, verifica-se as diferenças no uso da Língua Portuguesa entre pessoas da classe alta e da baixa. Aquelas, que têm uma educação de qualidade e vivem em uma classe em que a grande maioria tende a falar de acordo com a gramática normativa, detêm mais conhecimentos gramaticais em comparação com estas, as quais têm um ensino de baixa qualidade e vivem com pessoas que não detêm um amplo domínio gramatical.

**d) Variação diamésica:** diz respeito ao uso da língua pelos diferentes meios e veículos de comunicação. Neste caso, a principal diferença centra-se entre a fala e a escrita, porém existem também as diferenças no uso da língua referente ao gênero discursivo, por exemplo: a escrita por “e-mail” ou pelo “WhatsApp” é diferente daquela utilizada pelos Órgãos governamentais, assim como a fala entre amigos ou familiares é diferente de uma fala de um palestrante/orador. Assim, esta variação está ligada também às questões de formalidade e informalidade.

Sabe-se que a devida importância dada a esse tema da variação linguística nos livros didáticos veio muito tardiamente, uma vez que, segundo Cecília e Matos (2006, p. 39-43), o próprio ensino escolar no Brasil se popularizou apenas na década de 1960 e desde essa época o foco era exclusivamente no ensino da gramática: a norma culta. A abordagem do tema da variação linguística nas escolas teve início apenas na década de 1990. Todavia, ainda há falhas no ensino dessa temática que precisam ser analisadas e trabalhadas de uma melhor maneira no ambiente escolar para impedir a continuidade dos preconceitos linguísticos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na parte sobre a Língua Portuguesa, já tem sido reconhecida a necessidade de trabalhar com o tema da variação linguística dentro da sala de aula, a fim de desmitificar o empoderamento apenas da língua culta padrão como sendo a única variação correta:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Língua Portuguesa, 1998, p.31.

Assim, verifica-se que a escola deve propor o ensino da língua de forma a abranger todos os tipos de uso, capacitando o aluno a ter domínio da sua língua e conseguir estabelecer comunicações de acordo com a variação linguística adequada ao momento da fala ou da escrita. Isto é, o aluno deverá ter a aptidão e expertise de saber qual variação se deve usar em determinado contexto (formal ou informal).

Embora tenha sido reconhecida a importância das demais variações, permanece o problema de como esse tema está sendo abordado pelos professores, bem como pelos livros didáticos. Haja vista que a abordagem do tema da variação linguística nos livros didáticos às vezes se apresenta como uma temática apenas para cumprir o currículo escolar e não para tratar o problema social do preconceito linguístico que menospreza determinados tipos de variações.

Atualmente, percebe-se que a abordagem dessa temática em sala de aula vem reforçando o preconceito linguístico, ao invés de minimizá-lo (ou extingui-lo). Muitos alunos saem da escola sem terem a concepção de que as variações sempre existiram e continuarão a existir, pois elas são fenômenos naturais da língua. Tendo em vista que a língua é falada em diferentes contextos, por diversas pessoas e em ambientes variados, ou seja, a língua varia conforme a forma que ela é utilizada e quem são os locutores e interlocutores da comunicação.

Este artigo tem como objetivo analisar se o fenômeno do preconceito linguístico está sendo reforçado ou não quando se é trabalhada a variação linguística nos livros didáticos, tendo em vista que este assunto é obrigatório no livro escolar de língua portuguesa e, conseqüentemente, é intermediado pelo professor em sala de aula. Entretanto, ainda assim os estudantes ou até mesmo pessoas graduadas continuam proferindo os comentários que desprestigiam certas variações, pelo simples motivo de já terem adquirido um conhecimento linguístico maior em comparação aos que não tiveram essa possibilidade ou até mesmo não tiveram interesse.

Como os seres humanos necessitam de uma língua para se comunicar, a linguagem se torna então parte essencial da construção histórico-social do homem, sendo assim, a língua está posta em diversos contextos. A Sociolinguística é a área de estudo que abrange todos os pontos anteriormente citados e é dentro desse campo teórico que estará firmado este artigo, precisamente com base nas variedades de uma língua e sua importância para o desenvolvimento e evolução linguística. Segundo Bortoni:

(...) o conhecimento advindo dessa corrente pode contribuir para melhorar a qualidade do ensino da Língua Portuguesa porque trabalha sobre a realidade linguística dos usuários dessa língua, levando em conta além dos fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) também os fatores de ordem externa à língua (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, entre outros.).

Cunha e Cintra (2008) trabalham com o tema da variação linguística na Gramática Normativa de suas autorias e destacam o porquê dessa tendência em privilegiar apenas a variedade da norma culta em detrimento das outras variações:

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Segundo Beline (2008, p. 128), não se pode descartar essa tendência valorativa de alguns cientistas que defendem: “a língua como um sistema homogêneo, em que a variação ocupa um lugar não central” Embora não seja amplamente aceita pelos sociolinguistas variacionistas, essa ideia ainda prevalece fortemente no senso comum da sociedade que sempre exalta a norma culta como a variação que abrirá a porta para o sucesso profissional e que representará o grau de inteligência do indivíduo.

Contudo, para os sociolinguistas não é tão simples assim. A norma culta é sim valorizada, mas não pode ser a única a dar prestígio para o indivíduo. O aprimoramento da língua portuguesa (assim como de qualquer outra língua) é gradual, ainda é minoria o número de pessoas que tem um amplo domínio gramatical. A língua portuguesa também é uma ciência assim como qualquer outra ciência que tem seu objeto de estudo e tem seu próprio campo de estudo e pesquisa.

Por muito tempo, acreditou-se que o ensino de Língua Portuguesa deveria ser pautado no trabalho com a gramática, considerando como válida somente a variedade padrão. No entanto, o método tradicional parece não ter sido eficaz, pois se ensinam a mesma nomenclatura, conceitos e normas nos ensinamentos fundamental e médio e, talvez, até no nível superior, e os alunos saem da escola alegando que não sabem Português, pelo fato de esta ser uma língua "difícil". Quando se privilegia a gramática normativa, enfocando-a como uma obra acabada, a língua materna acaba se caracterizando como uma teoria fragmentada, repleta de regras e de exceções. Sob essa visão, o ensino fica voltado somente para a metalinguagem, com definições, conceitos, categorizações e análises, quase sempre, descontextualizadas. É um ensino de reconhecimento de normas, classificações e estruturas que não propicia a reflexão, nem garante o conhecimento e ampliação do horizonte discursivo dos alunos acerca das práticas de linguagem. (CECÍLIA e MATOS, 2009)

Não é comum estigmatizar alguém que finalizou o Ensino Médio, mas não sabe fazer contas matemáticas, ou não domina os conteúdos da História, Geografia, Física, Química, Biologia etc. No entanto, um desvio das regras gramaticais do Português na fala ou na escrita já é motivo de chacota, desqualificação do indivíduo. Há essa problemática disseminada por uma boa parte da sociedade brasileira de que o Português não pode sofrer variações fora da norma culta. Quem não domina as regras gramaticais acaba "assassinando a Língua Portuguesa", o que não é bem assim, pois até os ditos "erros" gramaticais ainda, sim, são encontradas explicações no Português arcaico, ou seja, são sistematizados.

Scherre (2005), em sua obra "Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito", afirma que não são apenas os menos letrados que cometem os desvios gramaticais, mas também os mais letrados, que lidam com a Língua Portuguesa durante o seu dia a dia, ainda assim tropeçam na

gramática. Essa autora reuniu diversas notícias de jornais, comunicados de universidades e constatou que mesmo as pessoas que tiveram um curso universitário ainda continuam cometendo variações que não são aceitas pelas gramáticas normativas. Sendo assim, admite-se que a variação culta da língua tem suas nuances, as quais não são todas incorporadas facilmente pelos indivíduos, inclusive pelos estudiosos. O estudo da gramática deve ser contínuo, uma vez que o aprendizado gramatical não se dá apenas no ambiente escolar.

Por esses e outros motivos, este trabalho dispõe-se a analisar de que forma a Variação Linguística está sendo apresentada nos livros didáticos de português e se tais formas estão induzindo a um certo preconceito linguístico, ao invés de propor reflexão a respeito das variedades existentes na língua ao contextualizar o aprendizado de acordo com o uso corrente tanto na fala como na escrita.

Para isto, será feito um questionário a ser aplicado em alguma turma do Ensino Médio para diagnosticar como está o pensamento estudantil com relação às variações linguísticas. Além disso, pretende-se verificar se com essa nova abordagem de variação linguística no ambiente escolar está surtindo efeito positivo para minimizar o preconceito linguístico.

## **II - A Variação Linguística no Livro Didático**

Como o questionário será aplicado em turmas do Ensino Médio do Centro de Ensino Médio Setor Oeste, localizado no SGAS 912/913 – Mod. D - Asa Sul, Brasília – DF, cabe analisar o tema da variação linguística no livro didático adotado por essa escola pública.

O livro de Português adotado pela mencionada escola é da série “Ser Protagonista – Língua Portuguesa - Volumes 1, 2 e 3” (BARRETO e al, 2013), cada número corresponde a cada ano do Ensino Médio. Ao contrário de muitas escolas, não há um volume único para todas as séries.

Vale ressaltar que o tema da variação linguística aparece apenas no capítulo 17 do volume 1 do livro didático. Já nos volumes 2 e 3 não se observa



essas diferenças, por isso a função do professor em intermediar o assunto é fundamental. Apenas com esse poema, os alunos não conseguem de imediato fazer essa ligação entre as palavras brasileiras e as portuguesas, pois o professor precisa manifestar seus conhecimentos para direcionar o pensamento dos alunos ao assunto da variação linguística.

Assim, a intenção dos autores de deixar prevalecer o pensamento do aluno em primeiro lugar foi apropriada, porém a escolha do texto não foi tão eficaz para atingir essa identificação do tema, justamente por falta de assimilação pelos alunos das palavras portuguesas. Talvez se fosse uma variação linguística mais próxima dos alunos seria mais eficaz para o aluno identificar o tema de imediato. Sendo assim, esse poema poderia ficar em uma etapa posterior do mesmo capítulo.

Depois dessa exemplificação de variação, o livro conceitua variação linguística da seguinte forma (BARRETO e al, 2013, p. 198):

**ANOTE.**  
Variação linguística é o fenômeno comum às línguas de apresentar variações em função da época, região, situação de uso e das particularidades dos falantes. A língua usada por um grupo social específico, com características próprias, constitui uma variedade linguística.

Em seguida, o livro explica os tipos de variações que existem, a saber: variação histórica, variação regional, variação social e variação situacional (BARRETO e al, 2013, p. 198-199). Contudo, o livro não apresenta nenhum exemplo quanto a esses tipos de variações, apenas mencionam quando e em que situação elas ocorrem. Nesse caso, os autores poderiam enriquecer o capítulo com exemplos de variações linguísticas.

Posterior a essa explicação dos tipos de variações, o livro aborda o tema da variação da norma culta (BARRETO e al, 2013, p. 199), explicando quando ela surgiu e porquê ela é mais valorizada que as demais variações. Além disso, esclarece que a norma-padrão é uma idealização dos estudos linguísticos a fim de estabelecer uma uniformidade da língua, em detrimento das variações linguística que não estão de acordo com a norma culta.

## ► Norma-padrão, norma culta e adequação

Os membros das comunidades linguísticas naturalmente atribuem diferentes valores aos modos de falar. Do ponto de vista puramente linguístico, não há uma forma de falar que seja melhor ou pior do que outra, embora algumas sejam mais adequadas a determinadas situações. Qualquer falante é usuário competente de sua língua materna (aquela que ele aprendeu naturalmente, em sua comunidade linguística). Em geral, o julgamento sobre o valor de uma variedade linguística está muito mais associado à imagem que se tem dos falantes ou grupos que a utilizam.

Historicamente, os escritores literários clássicos foram tomados como referencial de uso da língua. Na tradição de ensino, os manuais de gramática procuraram descrever esse modelo (vamos chamá-lo de **norma-padrão**) e elevá-lo à categoria de “português correto”.

Os estudos linguísticos demonstraram que essa norma-padrão era uma idealização: não correspondia sequer aos usos linguísticos registrados nas obras literárias consagradas, ao menos não de maneira uniforme. Ela também não era observada nos veículos conceituados da imprensa nem em obras de referência, como enciclopédias. Hoje há iniciativas de descrição dos usos linguísticos dos falantes considerados “cultos”, segundo critérios definidos pelos pesquisadores (por exemplo, nível de escolaridade, hábitos culturais, etc.). Esses usos corresponderiam à efetiva “**norma culta**” da língua, mas também não representam um bloco uniforme, sendo mais adequado referir-se a eles no plural, como **variedades urbanas de prestígio**.

Adequar-se linguisticamente significa empregar a variedade adequada a cada contexto de uso. Sendo as variedades urbanas de prestígio aquelas que dão acesso a boa parte das oportunidades profissionais e de participação na vida pública, é fundamental conhecê-las e se apropriar delas.

### Ação e cidadania

Entre as formas de intolerância e discriminação que ainda precisam ser combatidas está o **preconceito linguístico**. Ele é fruto de uma série de mitos linguísticos que se perpetuaram em nossa sociedade, levando as pessoas a acreditar que existem formas superiores, mais corretas ou mais cultivadas de falar e, por oposição, modos de falar errados, inferiores ou até ridículos. Essa crença é muitas vezes reforçada pela grande imprensa e por publicações que prometem ensinar o falante a não “errar” no uso da própria língua.

O valor social atribuído às variedades urbanas de prestígio é inegável e é um direito de todo cidadão brasileiro ter acesso a elas. No entanto, isso não significa que um falante deva ser discriminado ou ridicularizado por fazer uso de uma variedade não padrão.

Essa parte do livro didático mostra-se um tanto contraditória, uma vez que no primeiro parágrafo diz que não deve existir valores diferenciados entre os tipos de variação, alegando, nos segundo e terceiro parágrafos, que os próprios “escritores literários clássicos” não seguiram uma homogeneidade quanto ao uso da Língua Portuguesa e que os estudos linguísticos da “norma-padrão era uma idealização”. Contudo, no último parágrafo e especialmente por ser um livro de Português, há o enfoque de que as chamadas “variedades urbanas de prestígio” devem ser aprendidas para que indivíduo consiga evoluir profissionalmente e/ou socialmente. Isto é, reforçando que o uso de outras variações possa ser prejudicial para a participação do indivíduo no ambiente profissional e/ou social.

Mesmo os autores colocando ao lado do texto principal o delicado problema do preconceito linguístico, no qual afirmam que não se deve discriminar os indivíduos por uso de variedades não padrão, ainda assim permanece clara a intenção de que a norma culta, sendo claramente adjetivada como “prestigiosa”, é que tem valor. Esse termo “de prestígio”, em as “variedades urbanas de prestígio”, já qualifica as demais variações linguísticas como “desprestigiosas”. Mesmo que a pretensão dos autores seja a de não demonstrarem preconceito, acabam sendo preconceituosos por colocarem as demais variações linguísticas em um grau de insignificância social.

No prosseguimento do capítulo, os autores disponibilizam quatro exercícios sobre os diversos tipos de variação linguística, igualmente como foi feito com o primeiro exemplo do poema “Lisboa: aventuras” de José Paes, no qual apresenta um texto que engloba uma variação específica e em seguida há algumas perguntas sobre o texto para os alunos responderem. No exercício a seguir (BARRETO e al, 2013, p. 200) percebe-se uma certa intencionalidade de marginalizar certas expressões como se fossem de uma determinada classe social.

2. Leia a seguir um trecho do roteiro do filme *Cidade de Deus*. O diálogo entre as personagens se passa no bairro de mesmo nome, no Rio de Janeiro, na década de 1960.

BUSCA-PÉ, o narrador da história, tem nas mãos uma câmera fotográfica profissional. É negro e tem aproximadamente 18 anos. Ao lado dele o amigo BARBANTINHO.

Eles caminham por uma rua do conjunto.

BARBANTINHO

Aí, Busca-Pé...Tu acha mesmo que os cara vão te dar emprego no jornal se tu conseguir tirar essa foto?

BUSCA-PÉ

Eu tenho que arriscar.

[...]

BARBANTINHO (CONT.)

Na boa, Busca-Pé. Eu acho que os cara do jornal tão de sacanagem.

Eles nunca vão te dar emprego.

BUSCA-PÉ

Pô, Barbantinho. Se conseguir essa foto, eu vou ficar na moral com os caras, tá entendendo?

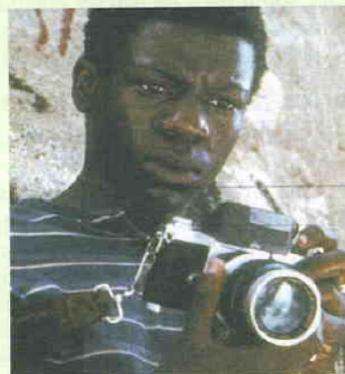
BARBANTINHO

Tu tá falando dum jeito que parece até que a gente tá num episódio da Missão Impossível.

BUSCA-PÉ

Pior é que é.

MANTOVANI, Bráulio, Roteiro do filme *Cidade de Deus*. Baseado no romance de Paulo Lins. Dez. 2001. p. 2-3.



Cena do filme *Cidade de Deus* (Brasil, 2002), de Fernando Meirelles. Na fotografia, o ator Alexandre Rodrigues (Busca-Pé).

- a) Os seguintes termos e expressões, retirados do texto, são exemplos de que tipo de variação linguística? Justifique sua resposta.
- “os cara”
  - “na moral”, “na boa”
  - “tu”
- b) Considerando o modo de falar das personagens Barbantinho e Busca-Pé, descreva o provável perfil social delas.

Nesse exercício, especificamente no item “b”, quando se pede para que os alunos descrevam o perfil social dos indivíduos do diálogo, verifica-se a pretensão de querer enquadrá-los como pessoas da classe menos favorecida, ou seja, pessoas marginalizadas da sociedade. Isso não é correto, uma vez que pessoas de todas as classes sociais cometem os mesmos desvios gramaticais, principalmente na fala, quando não conjugam os verbos na segunda pessoa do singular (“tu acha”), quando não fazem a concordância nominal (“os cara”), inclusive na utilização de gírias (“na moral”, “na boa”, “pô”). Assim, nesse caso e conforme as afirmações de Scherre (2005), não se devem restringir essas variações linguísticas a apenas um grupo social. Esse tipo de exercício reforça o preconceito linguístico no ambiente escolar ao discriminar pessoas de classes menos favorecidas como pessoas desprovidas de conhecimento linguístico. Esses tipos de variações acontecem em todas as classes sociais, talvez nas classes menos favorecidas ocorram com maior intensidade, mas não é por isso que se deve aprisionar um tipo de variação apenas a um “provável perfil social”, como indicado no item “b”.

Por outro lado, quando finaliza os exercícios de variação linguística, os autores colocam o quadro (BARRETO e al, 2013, p. 203) abaixo em destaque, no qual retoma a importância das pessoas serem um “poliglota” na sua própria língua. Isto é, a importância de conhecer todas as formas de variação da língua e adequar seu uso de acordo com a situação vivenciada.

ANOTE

Nenhuma variedade linguística é superior a outra. O falante competente é aquele que consegue ser um **poliglota** em sua própria língua, ou seja, que conhece muitas variedades linguísticas – inclusive as variedades urbanas de prestígio – e é capaz de escolher a mais adequada a cada contexto ou situação de uso.

No entanto, o livro didático não dá o suporte adequado para que os alunos sejam realmente “políglotas” em sua língua. Não adianta somente mencionar a importância sobre a adequação linguística em diferentes contextos, mas também direcionar trabalhos em sala de aula que demonstrem essa vivacidade da língua nas várias situações comunicacionais, demonstrando as circunstâncias em que a língua pode exercer outras variações. Por essa razão, seria mais viável trabalhar as variações linguísticas de forma diluída em todos os capítulos do livro para que os alunos possam verificar o uso corriqueiro do Português e suas

formas de alteração à variedade padrão. Dessa forma seria até mais eficaz para que os alunos atentem a essas variações linguísticas e consigam explorar o uso do Português sem qualquer pré-julgamento linguístico. A escola deve, sim, priorizar o ensino da norma culta, mas deve partir do conhecimento linguístico prévio do aluno, aprimorando o Português deles por meio de análises do uso real da língua.

Contudo, nesse mesmo capítulo, os autores abordam na seção sobre a escrita o tema intitulado: “O Último Acordo Ortográfico e o Hífen”. Primeiramente, há a introdução sobre o assunto a ser trabalhado e logo em seguida os autores colocam o quadro (BARRETO e al, 2013, p. 204) abaixo que explica quando usar ou não usar o hífen.

Nova regra	Caso	Exemplos	Exceção
Usa-se o hífen	1. nas palavras formadas por dois elementos em que o segundo começa por h.	pré-história, super-homem, semi-hospitalar, sub-humano	Palavras formadas com os elementos <b>des-</b> e <b>in-</b> nas quais o segundo elemento perdeu o h inicial (nesses casos, grafa-se desumano, inábil, inumano).
	2. nas palavras em que o primeiro elemento termina com a mesma vogal com que se inicia o segundo elemento.	contra-almirante, micro-ondas	Palavras iniciadas pelos elementos <b>co-</b> e <b>re-</b> . Nesses casos, não se usa o hífen (cooperação, reescrita).
	3. nos seguintes casos especiais: a) com os elementos <b>circum-</b> e <b>pan-</b> antes de <b>m, n</b> e vogal (além do <b>h</b> , já citado) b) com os elementos <b>pré-</b> , <b>pós-</b> e <b>pró-</b> c) com os elementos <b>ex-</b> , <b>vice-</b> , <b>sota-</b> , <b>soto-</b> e <b>vizo-</b> d) com os elementos <b>além-</b> , <b>aquém-</b> , <b>recém-</b> e <b>sem-</b>	<b>circum-navegação</b> , <b>pan-americano</b> , <b>pós-graduação</b> , <b>ex-presidente</b> , <b>vice-governador</b> , <b>além-mar</b> , <b>recém-casados</b> , <b>sem-cerimônia</b>	Nas palavras em que os elementos <b>pre-</b> , <b>pos-</b> e <b>pro-</b> não são tônicos. Nesses casos, não se usa hífen (prever, prorrogar, posfácio).
Não se usa o hífen	1. em algumas palavras compostas em que se perdeu a noção de composição.	paraquedas, paraquedismo, mandachuva	A maior parte das palavras compostas continua sendo grafada com hífen. É preciso estudar cada caso.
	2. nas palavras em que o segundo elemento começa com <b>r</b> ou <b>s</b> , devendo estas consoantes ser duplicadas.	antirreligioso, contrarregra, infrassom	Quando o primeiro elemento da palavra termina com <b>r</b> , como <b>hiper-</b> , <b>inter-</b> e <b>super-</b> (nesses casos, grafa-se hiper-requintado, inter-resistente, super-revista).
	3. nas palavras em que o primeiro elemento termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente.	extraescolar, aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, antiaéreo, agroindustrial, hidroelétrica	Não há.

Essa explicação foi apenas inserida no capítulo sobre variação linguística sem qualquer interação com assunto principal dessa parte do livro didático. O tema da variação linguística é tão vasto, podendo os autores explorarem mais o assunto com os alunos. Entretanto, preferiram adentrar com as regras sobre a utilização do hífen, que é usado estritamente na escrita, colocando seis exercícios sobre hífen, ao invés de propor algum trabalho didático que fizesse com que o professor abordasse a oralidade dos alunos, mostrando as funcionalidades oral da língua, o que seria mais apropriado à reflexão sobre variação linguística e ajudaria os alunos a serem realmente “políglotas” em sua língua.

Esse é um problema bastante abordado por Marcuschi (2001), o qual afirma que os livros didáticos efetivamente não trabalham a oralidade. Para esse autor, os livros didáticos costumam trabalhar a oralidade e a escrita como se fossem aspectos antagônicos, ou seja, como se a formalidade estivesse associada à escrita, e a informalidade à fala. Entretanto, isso não pode ser trabalhado dessa forma, consoante as ideias de Marcuschi (2001), a oralidade complementa a escrita e vice-versa.

Para finalizar as explicações deste capítulo, os autores retomam o tema da variação linguística, após os exercícios sobre a utilização do hífen. Os autores colocaram dois textos que serviriam mais aos professores e autores de livros didáticos do que aos próprios alunos, uma vez que os textos discursam sobre o ensino gramatical, a saber:

Falar contra a ‘gramatiquice’ não significa propor que a escola só seja ‘prática’, não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor esta atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades[...].”  
Trecho do livro: “Por que (não) ensinar gramática na escola. de autoria de Sírio Posseti. (BARRETO e al, 2013, p. 206)

O currículo tradicional, que se põe em execução com vistas à educação linguística, se mostra, em geral, na prática, antieconômico, banal, inatural e, por isso mesmo, improdutivo. Antieconômico por ensinar aos alunos fatos da língua que eles, ao chegarem à escola, já dominam, graças ao saber linguístico prévio [...]; banal, porque o tipo de informações que são subministradas aos alunos nada ou pouco adiantam à capacidade operativa do falante, limitando-se, quase sempre, a

fornecer-lhes capacidade classificatória, e [...] inatural, porque muitas vezes segue o caminho estruturalmente inverso à direção do desenvolvimento linguístico dos alunos, partindo dos componentes linguísticos não dotados dela, [...] Trecho do livro: “Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?” de autoria de Evanildo Bechara. (BARRETO e al, 2013, p. 207)

Ambos os textos criticam a forma de ensino da gramática no âmbito escolar ao apontar os erros que ainda prevalecem no ensino da Língua Portuguesa. Haja vista que os alunos, em geral, saem do Ensino Médio com certa insegurança gramatical. Por esse motivo, os autores dos trechos acima exprimem suas ideias contrárias aos métodos didáticos utilizados há muito tempo no Ensino Básico e refletem o quanto é necessário haver uma mudança nesse sistema para acabar com esse ensino precário da Língua Portuguesa que, ao invés de contribuir para o aperfeiçoamento da língua, acaba impondo uma deficiência no uso da língua o que inibe um desenvolvimento linguístico.

Para finalizar o capítulo, os autores incluíram cinco questões que estiveram presentes em provas de vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Dessa forma, mostra aos alunos a importância do tema para o ingresso ao Nível Superior de Ensino (Graduação), uma vez que o estudo da variação linguística ainda não é visto com muita seriedade pelos alunos e também por alguns professores.

No final deste artigo, será disponibilizada a cópia integral do capítulo analisado, para verificação das demais partes do capítulo que ficaram fora das análises.

### **III – Análise do questionário sobre variação linguística**

O Questionário sobre variação linguística contém 10 questões sobre o assunto. Ele foi aplicado para alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio Setor Oeste - CEMSO, com o objetivo de verificar como os alunos que estão finalizando o Ensino Médio enxergam a questão da variação linguística e se o ensino desse tema na escola tem surtido ou não efeitos positivos, uma vez que este é o último ano de uso dos Livros da série “Ser Protagonista – Língua

Portuguesa - Volumes 1, 2 e 3” (BARRETO e al, 2013), usado no triênio 2015 a 2017.

A seguir, serão analisadas as respostas dos alunos quanto a cada questão subjetiva e objetiva, para verificar se há ou não alguma defasagem no ensino de variação linguística.

### **A - Questões Subjetivas**

As seis questões subjetivas levaram em consideração vários fatores importantes que permeiam a variação linguística, inclusive o tema delicado do preconceito linguístico. Cabe mencionar que os alunos levaram o questionário para responder em casa, para responderem com tranquilidade e sinceridade todas as questões.

#### **1 - Você considera o Português uma língua difícil? Justifique sua resposta?**

Essa questão teve muitas respostas similares dos alunos, como:

*“Sim, porque tem muitas regras.”*

*“Sim, porque a gramática é muito complexa.”*

*“Sim, por ser muito complexa, uma língua com muitas regras, exceções.”*

*“Sim, o Português é uma língua muito complexa e o fato de ter várias conjugações, tempos, modos etc, dificulta muito.”*

Assim, com essas respostas, percebe-se que os alunos em grande maioria saem do Ensino Médio complexados com a Língua Portuguesa. Tendo em vista que a forma de ensino muito diferenciado com a realidade do uso do Português no dia-a-dia, faz com que os alunos enxerguem a variação padrão do Português como difícil e incompreensível em alguns casos.

Os alunos saem com a sensação de não saberem o Português, simplesmente porque não armazenaram a gramática.

Há outros alunos que argumentaram da seguinte forma:

*“Sim, porque eu cursei outras línguas (Inglês, Francês e Espanhol) e nenhuma tinha uma gramática tão cheia de regras.”*

*“Sim, pois é uma língua cheia de regras para cada situação, muito mais do que outras línguas estrangeiras como Inglês.”*

Dessa forma, alguns alunos argumentam que aprender outros idiomas é mais fácil do que aprender a norma culta do Português. Isso é um mito que deve ser reparado no ensino escolar, pois os alunos não devem inferiorizar sua língua materna, acreditando ser impossível o aprendizado. Esse ensino tradicional puramente gramatical apresenta a variação padrão como se fosse outro idioma, uma vez que não há uma interação constante entre a variação padrão e o uso do Português no cotidiano.

A resposta de outro aluno foi a seguinte:

*“Sim, o Português é uma língua cheia de dialetos e diferentes sotaques, devido à mistura de culturas, pessoas. E a escrita é cheia de regras, muitas dessas confusas.”*

Este aluno tem a impressão de que as variações linguísticas são impedimentos para a compreensão facilitada do Português. Isso também deve ser desmitificado, pois as variações servem para engrandecer um idioma, e não atrapalhá-lo.

Os poucos alunos que responderam que não acham o Português difícil argumentaram que:

*“Não muito. O Português está presente no nosso cotidiano escolar, porém há uma gramática ampla que a torna óbice na escrita e também na fala.”*

*“Mais ou menos, acho o Português muito acumulativo.”*

Então, mesmo não concordando com os demais que acham o Português difícil, estes alunos têm a noção que a Língua Portuguesa é utilizada no dia-a-dia e que a gramática é uma variação da língua que deve ser aprendida para aprimorar o uso da língua, bem como a última resposta acima, na qual o aluno destacou o fato de que o aprendizado da norma culta é progressivo. Assim, mesmo após o término do Ensino Médio, os alunos deverão continuar

consultando o dicionário e a gramática para irem se aprimorando no seu próprio idioma. Haja vista que o Português poderá ser seu instrumento de trabalho e exigirá um bom conhecimento gramatical.

Dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa, tanto pelos professores como pelos autores de livros didáticos, deve ser revisto e readaptado às condições linguísticas mais adequadas, para que o Português ensinado seja mais próximo da realidade dos alunos, trabalhando com mecanismos de ajustes com a norma culta, sem cortar o vínculo das práticas linguísticas presentes no cotidiano.

## **2 - O que você entende por variação linguística?**

A grande maioria das respostas dos alunos sobre essa questão se trata apenas quanto às variações regionais. Eles associam variação linguística somente à variação diatópica.

*“Diferenças linguísticas de região para região.”*

*“Uma variação de uma língua em determinado local do país.”*

*“Variação linguística seria como uma pessoa fala, aqui em Brasília, é diferente de uma pessoa do nordeste, por exemplo.”*

*“Várias pessoas de diferentes regiões do país, cada uma com seu sotaque e dialeto.”*

Essa restrição pela maioria dos alunos de que a variação linguística é apenas a variação diatópica retrata que os alunos reconhecem essas variações regionais, porém os demais tipos de variações são respondidos pela maioria dos alunos. Além disso, eles abordam essas variações como se fossem apenas na fala, ignorando as variações na escrita. Isso é um fato a ser trabalhado em sala de aula e mostrar aos alunos as diversas variações existentes e suas importâncias para a evolução de um idioma.

No entanto, houve alguns alunos que demonstraram um conhecimento melhor sobre variação linguística e sabem que existem diferentes tipos de variações:

*“Variação linguística são as diferentes maneiras que um grupo, que fala o mesmo idioma, utiliza. As variações se ligam a fatores socioeconômicos, geográficos ou situacionais.”*

*“São os vários tipos de linguagem que a pessoa usa de acordo com seu aprendizado, região entre outros fatores.”*

*“É um uso diferente da língua, de um outro modo que são aceitáveis em alguns contextos.”*

Dessa forma, percebe-se que alguns alunos atentam-se para as diversas variações linguísticas e sabem que dependendo da situação podem ser utilizadas, sem repressão linguística. Neste caso, bastam os professores e autores de livros didáticos frisarem mais o assunto para disseminação da forma para alcançar uma aceitação social das diversas variações, não apenas das variações regionais (diatópicas).

### **3 - O que você considera erro no uso da Língua Portuguesa?**

Nota-se nas respostas da maioria dos alunos pesquisados que erro em Português são os desvios gramaticais cometidos no ato da fala ou da escrita. Isto é, o ensino da gramática no Ensino Básico é tão ditatorial com relação à imposição da norma culta que os alunos consideram “erro” o que não está na gramática.

*“Erro está ligado somente a locais ou momentos em que se pede o uso correto da gramática.”*

*“Quando escreve ou fala errado.”*

Além disso, até o que era para ser aceito como variações da língua são citados pelos alunos como “erros”:

*“Há regiões escassas de aprendizado, conseqüentemente, vão ‘errar’; há também as gírias regionais, que para outros são consideradas erros.”*

*“O uso de gírias excessivamente em conversa.”*

*“Na Língua Portuguesa, muitas pessoas criam seu próprio modo de falar, isso para mim é um erro.”*

*“Muitas mudanças no uso da língua.”*

Já uma minoria acreditada que erro está muito além da gramática, em que abordam explicações fora da norma culta para explicar sobre erro linguístico.

*“Utilizar uma variedade linguística em uma ocasião em que esta não é apropriada. Exemplo: usar um Português culto com pessoas de baixa escolaridade.”*

*“Designar padrões que muitas vezes acabam discriminando a linguagem adotadas por outras culturas.”*

Por essa razão entende-se que o ensino de variação linguística deve ser aprimorado, pois os alunos acabam tendo o foco, ao longo da vida escolar, apenas na gramática e acabam discriminando qualquer linguagem que não esteja na gramática como erro. Esse mito insiste em continuar presente no senso comum, dentro e fora da escola.

#### **4 - Há diferença entre escrita e fala no uso da Língua Portuguesa?**

Nesta questão, os alunos entendem sobre a variação diamesica entre formalidade e informalidade. Contudo, eles frisam como se a fala fosse sempre informal e a escrita, formal. Entretanto, não é dessa forma, porque há momentos em que a fala pode sim ser formal, bem como em algumas situações a escrita pode ser informal.

*“Sim, na escrita usamos a formal e na fala usamos a informal.”*

*“Na escrita deve-se usar a forma formal, já na fala podemos usar a forma informal, gírias e dialetos.”*

*“Sim, na escrita deve-se fazer o uso formal da linguagem, já na fala durante o dia-a-dia, várias pessoas fazem o uso de dialetos, muitos desses aceitos pela sociedade.”*

*“Sim, pois na fala pode-se conversar de forma coloquial e isso ser considerado errado, enquanto na escrita tem que ser de maneira correta e formal.”*

Embora exista muitos alunos que fixaram a escrita à formalidade e a fala à informalidade, ainda há um equilíbrio entre os estudantes que entendem a formalidade e a informalidade de acordo com a variação diamésica.

*“Sim, porque na escrita as pessoas costumam usar uma linguagem mais formal e na fala mais informal.”*

*“Sim, nem tudo que falamos é escrito como falamos.”*

*“Sim, por conta do modo como muitas pessoas fazem uso de gírias, vocabulários.”*

*“Sim, dependendo do contexto nós falamos de uma forma fora do uso padrão da língua e escrevemos de outra forma.”*

Portanto, alguns têm a compreensão correta sobre essa diferença, justamente por ser a variação diamésica um tema mais próximo da realidade dos alunos e conseqüentemente muitos deles intuitivamente conseguem perceber essa diferença.

## **5 - Para você, o que é preconceito linguístico?**

As respostas dessa questão foram bem contrabalanceadas, houve alunos que compreendem corretamente o que é preconceito linguístico, mas, por outro lado, há alguns que fazem limitações quanto a esses preconceitos, como:

*“É julgar alguma escrita ou fala que você desconhece, mas que é usada em algum lugar ou região.”*

*“Não aceitar os sotaques e os dialetos de pessoas de outras regiões do país.”*

*“Quando é discriminado por falar de um modo diferente do local que você está.”*

*“Preconceito com erros ortográficos em geral.”*

*“Preconceito linguístico pode ser essa variação linguística de região para região e, quando se troca de região, percebe-se essa mudança de vocabulário ocasionando o preconceito muita das vezes.”*

*“É o preconceito com os diferentes sotaques.”*

Apesar desses alunos exemplificarem certos preconceitos linguísticos, ainda assim acabam o limitando, uma vez que o preconceito linguístico é bem abrangente ocorrendo em diversas ocasiões. Muitos alunos compreendem isso:

*“É um preconceito com a forma que uma pessoa fala.”*

*“É quando se julga errado a maneira de uso da linguagem de certas pessoas.”*

*“Preconceito com erros da gramática em geral, como por exemplo alguém que é zoadado por falar algo errado.”*

*“É quando alguém não aceita o modo de falar de outros.”*

*“É quando uma pessoa julga outra por ‘falar errado’ quando na verdade isso não existe: as pessoas apenas apresentam diferentes graus de domínio de diferentes variedades linguísticas, não há um modo errado de falar Português.”*

*“Quando a pessoa julga a outra pelo jeito que fala ou escreve.”*

Estas respostas estão coerentes com o que é preconceito linguístico. Essa é uma questão que os alunos conseguem responder intuitivamente por ser algo presente na vida linguística dos alunos.

## **6 - Você já sofreu ou presenciou algum tipo de preconceito linguístico?**

Sobre essa questão, os alunos foram bem categóricos ao afirmarem que já sofreram e/ou já presenciaram preconceitos linguísticos, tanto no ambiente escolar como fora dele.

*“Sim. Normalmente as pessoas tem preconceito com pessoas que falam com sotaque de regiões do nordeste.”*

*“Sim, já sofri e presenciei por conta de erros absurdos, como coNHecidência ou Ceminário.”*

*“Sim. Já fui muito ‘zoadado’ por falar igual nordestino.”*

*“Sim, mas levei na brincadeira.”*

*“Já, na troca do ‘mas’ pelo ‘mais’ ou na troca do ‘trouxe’ pelo ‘trouCe’.”*

*“Já sofri. Quando eu viajei para a Bahia as pessoas falavam que eu falava engraçado.”*

Além dessas respostas, teve um aluno que admitiu que já cometeu preconceito linguístico:

*“De acordo com a língua portuguesa, já presenciei, como já cometi.”*

Os alunos sabem do que se trata o preconceito linguístico, porém como é um assunto pouco discutido, acaba sendo normal a aceitação desse tipo de preconceito, podendo se tornar até em *bullying*, que, segundo Camargo, é a prática reiterada de atitudes agressivas, podendo ser verbais ou físicas. Caso chegue a esse ponto, pode ocorrer até alguns bloqueios psicológicos, em que as pessoas podem se tornar até mais inibidas e ficarem com medo de se expor oralmente em público ou até mesmo não se sentem à vontade para escrever.

## **B- Questões Objetivas**

No intuito de diversificar a forma de perguntas e respostas subjetivas, foram inseridas também no questionário quatro questões objetivas<sup>1</sup>, de autoria de Jean Rodrigues (2012), colocando à disposição dos alunos situações reais de comunicação, a fim de verificar como os alunos enxergam os diversos tipos de variações linguísticas.

---

<sup>1</sup> Fonte das questões de 7 a 10 (com adaptações): Professor Jean Rodrigues. “Atividade de Português sobre Variação Linguística”. 2012. Disponível em: <http://professorjeanrodrigues.blogspot.com.br/2012/05/atividade-de-portugues-sobre-variacao.html>. Acessado em: 20/05/2017.

7. Observe a charge abaixo e marque V verdadeiro ou F falso:



(F) Pelo tipo de linguagem usada pelos falantes eles não conseguem se comunicar.

(F) Evidenciamos um uso formal da linguagem, visto que os personagens são estudantes.

(F) Expressões como “MANERO”, “TAMO”, “AÊ” devem ser banidas da língua em qualquer situação.

(V) A fala dos personagens evidencia o uso coloquial da linguagem, especificamente a gíria, motivada por diversos fatores.

(F) Não há nenhum tipo de problema com a linguagem usada por eles, e essa forma de linguagem pode ser utilizada também em trabalhos escolares, e textos oficiais como requerimentos etc.

Nessa questão, a maioria dos alunos errou quanto ao julgamento do primeiro item, tendo em vista que eles confundiram a interrogação da personagem da professora como se ela não estivesse compreendendo nada do que a personagem do aluno está falando. Nesse caso específico, embora a afirmação do item seja com relação a “linguagem”, a figura levou os alunos ao

erro, devido ao espanto da professora e a interrogação de que ela não está compreendendo a fala do aluno.

Houve poucos alunos que confundiram a resposta do item dois, pois pensavam que a situação se trava de formalidade no ambiente escolar, embora na verdade se trate de uma linguagem informal ainda em um ambiente escolar.

Quanto ao item três, houve poucos alunos que mostraram a concepção de senso comum de que falar em gírias é “errado”, afirmando como verdadeira a sentença de que as gírias devem ser banidas do Português em qualquer situação, o que é errado pensar dessa forma.

No item quatro, aconteceu um fato interessante, em que alguns alunos cortaram a palavra “gíria” do item e escreveram ao lado “dialeto”, afirmando que na situação da fala da personagem caracteriza dialeto e não gíria. Esse é um equívoco talvez de uma má explicação quanto à diferença entre gíria e dialeto. Não se sabe se foi por alguma explicação do professor ou apenas uma má compreensão dos alunos a respeito desse assunto.

Já o último item, teve acerto de cem por cento dos alunos que sabem diferenciar entre uma linguagem formal e informal e seus usos na prática cotidiana.

**8. São várias as diferenças linguísticas das diversas regiões e das diferentes camadas sociais do Brasil. Todas, porém, fazem parte de nossa realidade e são compreensíveis por seus falantes. Como exemplo disso, podem-se verificar as variantes linguísticas para as palavras “tangerina” e “mandioca”. Considerando essas informações acerca das variações linguísticas da língua portuguesa, assinale a ÚNICA opção correta.**

**(A) As palavras “tangerina”, “mexerica” e “laranja-cravo” são sinônimas, assim como “mandioca” e “macaxeira”.**

**(B) São corretas apenas as formas “mandioca” e “tangerina”, uma vez que são palavras mais bem aceitas na língua culta e é errado falar “laranja-cravo”.**

(C) O uso da palavra “macaxeira” não é correto, pois faz parte da língua indígena do nordeste do País.

(D) Quando um falante usa o termo macaxeira, em vez de mandioca, demonstra pertencer a uma classe social baixa.

(E) Os brasileiros falam o Português mais corretamente na região Sul do que na região Nordeste.

Nessa questão, todos os alunos acertaram ao assinalar a alternativa “A” como a resposta correta. Assim, nota-se que eles têm conhecimento quanto à variação diatópica, diferentemente das demais variações linguísticas que o conhecimento dos alunos é um pouco limitado, devendo ser trabalhado mais em sala de aula.

9 - Observe a imagem abaixo retirada do Facebook e marque V ou F nos parênteses:



(F) Pela linguagem utilizadas pelos falantes eles não conseguem se comunicar.

**(V) Os fatores regional, escolar e social influenciam o modo de falar dos personagens acima.**

**(F) Esse modo de falar é totalmente inaceitável em qualquer situação, porque é linguagem matuta.**

**(V) Mesmo sendo linguagem matuta, cumpre sua função comunicativa.**

**(V) Não devemos ter preconceitos com exemplos de língua como essa acima, pois há diversos motivos que explicam esse modo de falar.**

Nessa questão que trabalha a variação diamésica, a maioria dos alunos julgaram corretamente todos os itens, exceto um aluno que marcou verdadeira a terceira alternativa que indica a inaceitabilidade da “linguagem matuta” em qualquer situação.

O caso deste estudante mostra como o comportamento preconceituoso ainda está atuante no meio da sociedade quanto ao linguajar de pessoas que tem baixo domínio da variação culta, por motivos, talvez, de falta de oportunidade de estudo na adolescência ou até mesmo o analfabetismo que ainda infelizmente vigora no Brasil.

**10 . Julgue V verdadeiro ou F falso as afirmações abaixo:**

**(V) A variação linguística consiste em um uso diferente da língua, em um outro modo de expressão aceitável em determinados contextos.**

**(V) A variedade linguística usada em um texto deve estar adequada à situação de comunicação vivenciada, ao assunto abordado, aos participantes da interação.**

**(F) As variedades que se diferenciam da variedade considerada padrão devem ser vistas como imperfeitas, incorretas e inadequadas.**

**(V) As línguas são heterogêneas e variáveis e, por isso, os falantes apresentam variações na sua forma de expressão, provenientes de diferentes fatores.**

Nessa questão, a maioria dos alunos também gabaritaram os julgamentos dos itens sobre o que é basicamente variação linguística, havendo um ou outro aluno que julgou erroneamente alguns itens.

No primeiro item, teve um aluno que marcou esse item como errado, alegando, neste caso, que a variação linguística não consiste no uso de variações em contextos adequados a cada variação.

Já no segundo item, com o mesmo teor do primeiro item, também houve alunos que divergiram do julgamento da questão ao ir contra a alternativa que fala sobre a adequação linguística dependendo do contexto.

Com relação ao terceiro item, todos os alunos julgaram de maneira correta quantos aos julgamentos errôneos quando fazem a comparação da variedade padrão com as demais variações linguísticas.

No último item, os alunos acertaram o julgamento desse item, apenas um aluno que acredita equivocadamente na homogeneidade da língua, o que de fato não existe.

Portanto, com essas repostas de todas as questões do questionário, verifica-se que os alunos têm noção sobre variação linguística, mas em alguns temas ainda persistem argumentos e pensamentos errados que devem ser sanados por meio de um ensino mais aprimorado de variação linguística que faça exterminar, ou ao menos diminuir, o preconceito linguístico.

## CONCLUSÃO

Este trabalho mostrou o quanto o tema da variação linguística não está sendo trabalhado corretamente em sala de aula. Os alunos saem do Ensino Médio com um baixo conhecimento sobre variação linguística, e em muitas vezes com o conhecimento distorcido, pois os alunos ainda apresentam confusões quanto aos significados de algumas variações. Além disso, para alguns casos eles consideram como sendo variações e já para outros há certo preconceito linguístico.

Por essa razão, o tema da variação linguística no livro didático não é tão eficiente, pois não traz resultados benéficos. Ainda continuam ocorrendo os preconceitos linguísticos devido à falta de amadurecimento dos alunos quanto aos vários fatores que ocasionam essas variações. Portanto, percebe-se que o tema da variação linguística, em alguns casos, está presente nos livros didáticos apenas para cumprir com o padrão curricular de ensino de Língua Portuguesa.

Além disso, um tema tão delicado e vasto da variação linguística não deve ser visto em apenas um capítulo, mas sim trabalhado em vários capítulos, sempre trabalhando em conjunto com a norma culta, justamente para os alunos conseguirem estabelecer os limites entre as variações, bem como respeitando e aceitando que elas são pertencentes ao Português, pois sempre existiram e sempre existirão.

Assim, cabe uma avaliação mais rigorosa pelos órgãos públicos antes de adotarem livros didáticos que não apresentem um ensino mais eficiente dos temas cobrados, inclusive da variação linguística que é um assunto ainda novo e que merece uma atenção especial para que ocorra a conscientização dos alunos que as variações não são empobrecimento da língua, mas sim existem por fatores extralinguísticos que interferem na língua, a fim de estabelecer resultados positivos no convívio social, sem preconceito linguístico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. “Preconceito Linguístico – o que é, como se faz”. Edições Loyola: São Paulo, 2006.

BARRETO, Ricardo Gonçalves e al. “Ser Protagonista – Língua Portuguesa - Volumes 1, 2 e 3”. São Paulo: SM, 2013.

BELLINE, Ronald. “Variação Linguística”. In: FIORIN, José Luiz (Org.). Introdução à Linguística – I. Objetivos Teóricos. Editora Contexto: São Paulo, 2008. P. 121-140.

BERGAMIN, Cecília; BÁRBARA, Marianka Gonçalves-Santa; MARTINS, Matheus; e BARRETO, Ricardo Gonçalves. “Ser Protagonista – Língua Portuguesa – Volumes 1, 2 e 3”. Ed. SM: São Paulo, 2013.

BORTONI, Stella. “Contribuições da Sociolinguística Educacional para o Processo Ensino e Aprendizagem da Linguagem”. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistia-iuiiiooal-paaa-o-paoisso-iosioo-i-apaioizagim-ia-lioguagim>. Acessado em: 05/04/2017.

CAMARGO, Orson. "Bullying"; Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em 24 de junho de 2017.

CECÍLIO, S. R.; MATOS, C. M. A. de. “Heterogeneidade Linguística no Ensino de Língua Portuguesa”. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007. p. 2051-2058. Maringá: Anais, 2009.

CECÍLIO, S. R.; MATOS, C. M. A. de. “Revisitando o livro didático: a variação linguística e o ensino de língua”. Entretextos: Londrina, n. 6, p. 39-43, jan/dez. 2006.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. “Nova Gramática do Português Contemporâneo”. Rio de Janeiro: Lexkon, 2008.

RODRIGUES, Jean. “Atividade de Português sobre Variação Linguística”. 2012. Disponível em: <http://professorjeanrodrigues.blogspot.com.br/2012/05/atividade-de-portugues-sobre-variacao.html>. Acessado em: 20/05/2017.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. “O Português da Gente – a língua que estudamos – a língua que falamos”. Editora Contexto: São Paulo, 2007. P. 151 – 196.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acessado: em 1º/04/2017.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. “Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: variação linguística, mídia e preconceito”. Parábola: São Paulo, 2005.